

As Viagens e as Experiências de Fronteira na Transgressão do Armário Gay

Travel and Border Experiences in Transgression of Gay Closet

MAICON GULARTE MOREIRA¹ DALILA ROSA HALLAL²

DOI: <http://dx.doi.org/10.18226/21789061.v9i1p133>

RESUMO

Para além das distorções geradas pela abordagem econômica do Turismo LGBT, esta pesquisa estabelece uma relação entre a viagem e a transgressão do armário gay, a partir dos relatos desses viajantes. Com abordagem metodológica qualitativa, caracteriza-se como pesquisa exploratória, fazendo uso de técnicas de entrevistas abertas, analisadas com base no referencial teórico. Este percurso permitiu conhecer a viagem como campo de experiências de fronteira, no qual as alteridades se estabelecem e permitem aos sujeitos *gays* o [re]conhecimento de si, através do contato com outras formas de inscrição do ser e estar no mundo e, conseqüentemente, do [re]conhecimento de sua tomada de posição quanto à sexualidade. No fim, constata-se que as viagens são utilizadas por *gays* como resistência às coerções sociais nos locais onde vivem e as experiências oportunizadas por elas são fundamentais na transgressão dos conflitos impostos pelo armário *gay*.

PALAVRAS-CHAVE

Turismo. Turismo LGBT. Relatos de Viagem. Homossexualidade. Armário *gay*.

ABSTRACT

In order to go beyond the distortions caused by the economic approach of LGBT Tourism, this work aims to establish a relationship between travel and the transgression of the gay closet, from the reports of these travelers. With qualitative methodological approach, an exploratory study is characterized by using techniques of open interviews which analyzed based on a theoretical reference. This script allowed us to understand travel as a field of border experiences

¹ **Maicon Gularte Moreira** - Mestrando em Turismo e Hospitalidade (PROSUP/CAPES) pela Universidade de Caxias do Sul, Caxias do Sul, RS, Brasil. Currículo: <http://lattes.cnpq.br/7209077042280859>. E-mail: maicongmoreira@gmail.com

² **Dalila Rosa Hallal** - Doutora. Professora do Departamento de Turismo da Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, RS, Brasil. Currículo: <http://lattes.cnpq.br/4606760006124679>. e-mail: dalilahallal@gmail.com.



in which alterities are established and gays are allowed to get to know themselves through contacting with other stance taking of being in the world and, consequently, knowing their position taken about their own sexuality. In the end, we noticed that the travels are used by gays as resistance of social coercions, which come from the place where they live, and that experiences provided by these travels are essential in the transgression of the gay closet conflict.

KEYWORDS

Tourism. LGBT Tourism. Travel reports. Homosexuality. Gay closet.

INTRODUÇÃO

Por ser o Turismo caracterizado como uma atividade complexa e cujo embricamento ocorre a partir de múltiplas disciplinas, é necessário que seus planejadores, gestores e pesquisadores dediquem especial atenção a aspectos, muitas vezes colocados à margem dos processos de construção do conhecimento sobre a atividade, como, por exemplo, os aspectos relacionados às dimensões ambiental, cultural e social, entre outras. É notória a hegemonia das questões econômicas, mesmo em termos de pesquisas, em detrimento das demais, como explicitado por Krippendorf (2009), quando coloca que:

A economia reina soberana em nossa civilização. Ela é, ao mesmo tempo, a força motora, o fim e o meio. Ela dita a conduta a adotar. A exploração dos recursos naturais, a escala de valores do homem e a política do Estado caíram sob o seu domínio e a ela estão subordinados. Houve uma 'economização' de todas as esferas da existência. Do nascimento à morte, todas as atividades estão literalmente arriscadas a ser comercializadas (p. 25).

Nesse sentido, diversas produções científicas, realizadas na área do Turismo, enfocando o grupo de pessoas composto por Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais [LGBT], tratam exclusivamente sobre o seu perfil econômico, atentando para o fato de ser este um segmento com retornos financeiros superiores aos demais. Isso porque se atribui a este público uma faixa de renda acima da média brasileira e uma formação escolar e profissional mais avançada. Expõem, também, que a maioria da população LGBT não seria casada e não possuiria filhos e, por esses motivos, teria maior disponibilidade de tempo e dinheiro para realizar atividades de turismo e lazer, do que os consumidores heterossexuais. Mesmo aqueles que possuem relacionamento são tratados como Casais DINK [Double Income No Kids], o que pode ser traduzido como casais com dupla renda sem filhos (Angeli, 1999; Azevedo, Martins & Pizzinatto, 2010; Hauser, 2005; Nascimento, 2009; Oliveira, 2002; Silva, 2007; Trigo, 2008).

Tais pesquisas reproduzem um estereótipo exacerbado, nem sempre representante da totalidade da população LGBT, como se a sexualidade determinasse a renda e escolaridade dessa população, o que certamente não corresponde com a realidade. Grande parte da população LGBT está à margem dos serviços oferecidos para a população em geral e também



habita as periferias das cidades. Da mesma forma, grande parte dessa população evade do espaço escolar em razão do preconceito e da violência que sofre. Os guetos ofertados pelo turismo LGBT, muito antes dessa população ser tratada como um segmento, foram constituídos historicamente como espaços onde as sexualidades marginalizadas podiam ser vivenciadas, longe das pressões estigmatizantes da sociedade, cuja norma compulsória é a heterossexualidade. Porém, apesar desses espaços serem importantes para a construção das identidades LGBT, também se entende que a inscrição desses sujeitos como tais só será possível quando não houver espaços, públicos ou privados, delimitados para as diferentes formas de expressão da sexualidade e do gênero não-normativas. Como não o há para a expressão ou afeto heterossexual.

Assim, por mais delimitadas que o sejam, tornam-se inconsistentes as pesquisas cujas abordagens não tragam as contextualizações sociais, culturais e políticas necessárias para tratar de grupos fortemente marginalizados em nossa sociedade. Não há como tratar de grupos marginalizados sem a sensibilidade para com as exclusões que enfrentam. Tais pesquisas acabam por incentivar, mesmo que indiretamente, as empresas interessadas neste segmento a buscarem apenas o potencial retorno financeiro através do chamado ‘dinheiro rosa’ [pink money], sob um pretexto de inclusão social, sem responsabilizarem-se por outros aspectos inerentes à vida dessas pessoas, impedidas de acessarem serviços e direitos garantidos aos demais grupos normativos, ou seja, pelas demandas sociais, culturais e políticas dessa parte da população. Nesse sentido, o segmento de mercado realiza à população LGBT uma promessa que não pode cumprir.

Em face dessa e outras questões, outros investigadores dos estudos do Turismo ratificam a necessidade de ampliar o campo de visão das pesquisas. É o caso de Barretto (2003), que trata o campo econômico como “apenas uma parte do fenômeno turístico” (p. 21), pois considera que “analisá-lo somente com os paradigmas econômicos que verificam os fluxos de dinheiro leva ao esquecimento da dimensão antropológica, a enxergar os turistas não como pessoas, mas como simples portadores de dinheiro” (p.21). Segundo Moesch (2002), a ‘economização’ do campo de estudos em Turismo ocorre porque grande parte dos investigadores o concebe como um produto, “pois satisfaz necessidades humanas. A partir dessa conceituação, hoje genericamente aceita, podem ser interpretados, da mesma maneira, bens de consumo ou até mesmo os sujeitos” (p.9-10). Essa concepção, segundo ela, ocorre em função de o Turismo ter sido estudado primeiro por economistas, cujos enfoques se concentraram em estabelecer suas relações com os efeitos econômicos decorrentes da atividade, baseando-se em dados estatísticos, oferta, demanda, projetos, etc.

Por que, então, muitas pessoas LGBT apresentam disposição acentuada para a viagem, conforme relatado pelas pesquisas? Partimos da hipótese de que as viagens, para as pessoas LGBT, são uma forma de resistência às coerções sociais dos lugares onde vivem. Contudo, lidar com todas as relações de coerção que se estabelecem na interface sexualidade/gênero não seria possível, dado os limites necessários à pesquisa. Nesse sentido, delimitamos como sujeito de nosso trabalho o viajante *gay*, nos restringindo às questões da homossexualidade masculina. E,

a partir do recorte estabelecido, fomos convocados pela seguinte questão norteadora: poderia ser considerada outra relação entre o sujeito gay e a viagem, na qual a segunda é usada pelo primeiro como um meio para a transgressão do seu armário³? Traçamos, portanto, como nosso objetivo, estabelecer uma relação entre a viagem e a transgressão do armário *gay*, evidenciando a viagem como uma possibilidade de inscrição dessa sexualidade em outro lugar, como resistência à impossibilidade de ser e existir no lugar de origem.

Não configura como o foco desta pesquisa investir contra a segmentação do mercado turístico LGBT. Apenas se busca discernir sobre outro tipo de relação entre o turismo e esse grupo de pessoas, visando não só o reconhecimento dessa população em suas demandas políticas, mas também reconhecer a necessidade de ampliação da responsabilidade social vinculada à ética, tanto da produção acadêmica quanto dos serviços prestados pelo setor turístico, especialmente os direcionados a grupos marginalizados. Visa-se, pois, a teorização da viagem sob uma perspectiva transformadora, evidenciando as expectativas e representações para os sujeitos dessas ações, ainda que inconscientes. Através da caracterização da experiência de fronteira como espaço de alteridade⁴, ratifica-se a ideia da relação de transformação e [re]conhecimento de si que se estabelece durante as viagens.

Esta pesquisa pressupõe uma abordagem qualitativa, pois trata de subjetividades interpeladas ideologicamente por saberes que não as reconhecem como uma possibilidade de ser e estar no mundo e porque os fenômenos aqui expostos, apenas podem ser analisados e compreendidos dentro do contexto em que se inserem e do qual fazem parte, ou seja, dentro do recorte estabelecido. Para tanto, caracteriza-se como pesquisa exploratória na qual foram tratadas fontes bibliográficas de diversas áreas do conhecimento, como Antropologia, Sociologia, Psicologia, entre outras, visto haver a necessidade de buscar outros sentidos para o tema abordado no campo do Turismo. Posteriormente, visando o já mencionado, procurou-se obter dados sob o ponto de vista dos sujeitos viajantes, ou seja, dos sujeitos *gays* que foram interpelados a se deslocar. O instrumento utilizado para tal foi a realização de entrevistas previamente roteirizadas com perguntas abertas, que foram gravadas no período de junho a julho de 2014 e, posteriormente, transcritas e analisadas de acordo com o arcabouço teórico aqui construído.

Devido à dificuldade de aproximação, os entrevistados foram selecionados a partir de indicação por membros do Grupo TAMBÉM PELOTAS – Pela Livre Expressão Sexual. Trata-se de um grupo organizado do movimento social LGBT, formado desde o ano de 2002 na cidade de Pelotas, no Rio Grande do Sul, que organiza viagens com temática LGBT, eventos para discussão e formação política em relação às demandas dessa população, além de prestar atendimento e orientação às pessoas LGBT em razão dos conflitos que surgem ao longo do processo de identificação. O grupo

³ O 'armário' é caracterizado por Lanzarini (2013) como "um espaço simbólico onde se escondem desejos e sexualidades em benefício de um grupo social dominante, mantendo a identidade sexual em segredo" (p. 551).

⁴ Rolnik (1992 como citado em Zanella, 2005) define alteridade como "o plano das forças e das relações, onde se dá o inelutável encontro dos seres, encontro no qual cada um afeta e é afetado, o que tem por efeito uma instabilização da forma que constitui cada um destes seres, produzindo transformações irreversíveis" (p. 100).



foi responsável pela realização das edições da Avenida da Diversidade – primeiras Paradas do Orgulho LGBT naquela cidade – e é responsável pela produção de um jornal impresso, de forma independente e de livre distribuição, cujos assuntos são de interesse da população LGBT.

Os critérios para indicação estabelecidos aos membros do grupo foram que os sujeitos deveriam ser *gays* e terem participado de, pelo menos, uma das viagens promovidas pelo grupo. Como já mencionado, optou-se por não trabalhar nessa pesquisa com os grupos compostos por lésbicas, bissexuais, travestis e transexuais, visto que haveria a necessidade de diferentes perspectivas de abordagens sobre as relações de gênero estabelecidas em nossa sociedade e que poderiam ter influências sobre os possíveis processos de construção identitária dessas pessoas. Reconhece-se, contudo, não apenas a importância da intersecção de tais temas, como também a necessidade do desdobramento desta pesquisa para estas e outras possibilidades.

IDENTIDADE, ARMÁRIO E O COMING OUT⁵ GAY

Trechos de manuscritos de intelectuais da Antiguidade, em especial gregos e romanos, relatam práticas e comportamentos sexuais entre pessoas do mesmo sexo. Tais práticas eram “vistas com naturalidade, não sendo estigmatizadas, nem hostilizadas, como nas sociedades ocidentais medievais e modernas” (Oliveira, 2002, p. 16). A homossexualidade e o sujeito homossexual foram invenções do século XIX onde, até então, as relações afetivas e sexuais entre pessoas do mesmo sexo eram conhecidas e consideradas como sodomia (Louro, 2001). Na sociedade romana, antes da instauração do Cristianismo, as relações sexuais entre dois homens eram tratadas de forma semelhante à sociedade grega. Contudo, a partir do Cristianismo, se inicia um processo de intolerância com a sexualidade, que culminaria no ato do imperador romano Justiniano, criando por volta do século VI “um decreto que proibia as relações sexuais entre homens, estabelecendo a pena de morte para seus atores”, sendo também aquele “quem primeiro define legalmente o sodomita como um delinqüente civil” (Vieira Júnior, 2008, p. 177).

Há outras referências a sociedades antigas, nas quais as práticas homossexuais eram comuns e parte do cotidiano. É possível citar como exemplo, a China durante a dinastia Zhou [1122-1027 a.C.] (Naphy, 2004 como citado em Vieira Júnior, 2008) e a tribo Marind, na Melanésia, com registros dessas relações há trinta e cinco mil anos atrás (Viana, 2007 como citado em Nascimento, 2009). No transcorrer da história, a opinião da sociedade quanto à sexualidade mudou radicalmente através da combinação dos extremismos da religião e do Estado, marcados pela perseguição e condenação aos denominados sodomitas (Nascimento, 2009).

Para Vieira Júnior (2008), o período no qual o sexo entre homens foi aceito perdeu força com a propagação do judaísmo e das religiões monoteístas. Segundo o autor, “além de ser monoteísta, o judaísmo também possuía um código, a lei mosaica, que colocava o comportamento e o ser

⁵ A expressão em inglês *coming out* origina-se de outra expressão, também em inglês, conhecida como *coming out of the closet*, que em tradução livre para o português significa sair do armário. O *coming out* “refere-se ao processo através do qual o homossexual revela sua orientação sexual a outras pessoas [...], tornando-se visível, culturalmente inteligível e desafiando abertamente o discurso sexual hegemônico” (Nunan, 2003 como citado em Schirmer, 2010, p. 39).

em primeiro plano, realçando o impacto dos próprios atos” (p. 175). Tal código impunha aos seus seguidores a mensagem do deus de Israel que dizia: “Deus abençoou-os [ao Homem e à Mulher, que havia criado] e disse-lhes: ‘Sedes fecundos, multiplicai-vos, enchei e dominai a terra’” (Bíblia, 1980 como citado em Vieira Júnior, 2008, p. 175), dissociando o sexo do prazer e destinando-o, apenas, para a garantia da procriação com pretextos demográficos, uma vez que a sociedade hebraica era ameaçada por seus vizinhos já naquela época. Logo, atribuindo ao sexo tal finalidade, “a sua utilização de qualquer outra forma ou atividade que não levasse ou não pudesse levar à procriação era um pecado contra a natureza: a sodomia” (Idem, p. 176).

Do século XIII em diante, o pecado de sodomia se transforma em delito porque atenta contra a natureza, ou seja, contra o modelo estabelecido por Deus para que as criaturas racionais participassem da Lei Eterna. A partir daí toda sexualidade que não contemplasse a procriação seria perseguida, assim como seriam perseguidos os pobres, os ciganos e os convertidos, sobretudo pelos tribunais inquisitórios (Vieira Júnior, 2008, p. 178).

No século XIX, se impõe uma nova ordem regida pelos valores de liberdade, igualdade e fraternidade, uma nova ordem de organização política, respaldada pelo pensamento iluminista, impondo fim às antigas formas de controle social, historicamente legitimadas até aquele momento. A ciência passa a oferecer à burguesia novas legalidades para o controle social, que a religião não mais ofereceria, especialmente daqueles cujos comportamentos sexuais desviavam da norma. “O homem, então, deixa de ser o sujeito e passa a ser o objeto de análises” (Idem, p. 178).

Desse modo, toda forma de comportamento que não obedecesse aos padrões definidos como ‘normais’, pelo grupo social dominante, estaria sujeita à interferência médico-legal. Assim se procedeu com a sexualidade não procriadora, que não apenas deixava de produzir novos integrantes para o ‘rebanho de Deus’, mas, sobretudo, os potenciais trabalhadores tão necessários à nova ordem econômica e social (Idem, p. 179).

Os LGBT, que antes eram perseguidos pela religião, passam a ser perseguidos também pela ciência e por todas as pessoas que reconheciam nela uma verdade. Na primeira metade do século XX, o período das duas grandes guerras europeias, o mundo é tomado por outras formas de pensamento, ao encontro de possibilidades que evitassem os terríveis episódios então vivenciados. O período pós-guerras vai ser marcado por esses novos valores, em busca da união da humanidade. Nesse contexto surgem diversos movimentos sociais, como o LGBT.

O dia 28 de junho de 1969, na cidade de Nova Iorque, nos Estados Unidos, é considerado o marco histórico do movimento LGBT, pois:

[...] ocorreu no bar Stonewall Inn, conhecidamente frequentado por *gays*, lésbicas e travestis. O estabelecimento foi invadido por policiais que, com o objetivo de fechá-lo, alegaram descumprimento na venda de bebidas alcoólicas. Seus frequentadores, cansados das pressões por propinas e motivados pelas barricadas de Paris ocorridas no ano anterior, atacam os policiais com pedras e garrafas, gritando palavras de ordem como ‘Poder *Gay*’ e ‘Sou bicha e me orgulho disso’. Os policiais tiveram de chamar reforços e a batalha prolongou-se por cinco dias, atraindo a atenção

de moradores e da imprensa. A cidade parou para assistir ao episódio, que só foi resolvido com a intervenção do prefeito municipal (Nunan, 2003; Oliveira, 2002; Oliveira, 2004; Silva 2006 como citado em Vieira Júnior, 2008, p. 81).

Desde então, a data é celebrada em muitos países, como o Dia Internacional do Orgulho LGBT, através de paradas, manifestações públicas e outros atos. Com isso, os LGBT ganharam visibilidade na luta por seus direitos, conquistando gradativamente mais espaço na sociedade. Nesse contexto de lutas por maior reconhecimento social, realizar o *coming out* passa a ser considerado um ato político de afirmação da identidade *gay*. Manifestar a sua sexualidade abertamente passa a ser considerado um ato revolucionário.

Tais fatos históricos ressaltam que, desde os primórdios da civilização, a homossexualidade esteve manifesta na sociedade, apesar de muitos momentos de condenação, o que contribui para a constatação de ser esta uma possibilidade de ser e existir da sexualidade humana. Portanto, não se trata de um comportamento desviante e libertino, como tratado por manifestações obscurantistas, pois resiste há séculos de perseguição e marginalização. Em síntese, o que se espera é que diferentes formas de inscrição dos sujeitos sejam não apenas [re]conhecidas pelos acadêmicos, gestores e planejadores do turismo, mas que se possa pensar o campo de estudo e de práticas de mercado, levando em consideração suas demandas. Pleiteia-se respeito e garantia de acesso aos mesmos direitos garantidos a todas as pessoas, sem distinção. E, para tal, é importante compreender os processos históricos, sociais e culturais pelos quais passam estas pessoas.

É nesse sentido que se traz à discussão a questão da identidade. Brandão (2004) fala que a etimologia da palavra nos remete a dois sentidos: similaridade e distinção. Em relação à distinção, acrescenta que pressupõe o sentimento de consistência e continuidade de si no tempo, bem como a percepção do outro sobre o sujeito. Logo, estabelece dois aspectos da identidade: seu lado social, através da alteridade entre o sujeito e o outro; e seu lado individual de sentir que continua o mesmo e dos outros o verem desse modo, um “sentido de identidade” (Erikson, 1980 como citado em Brandão, 2004, p. 2).

Brandão (2004) também acrescenta que, através das trocas, experiências e vivências ao longo da vida, construímos nossa identidade e que esses encontros com as diversidades através das diferentes experiências vividas, põem em dúvida o sentimento de continuidade já adquirido, causando ‘crises identitárias’ que desencadeiam ‘reajustamentos permanentes’, responsáveis por integrar nos sujeitos “essas novas experiências. A identidade é, assim, a cada momento, uma nova configuração, porque integra elementos que não estavam lá antes” (p. 4). A autora expõe, ainda, que além desses processos internos pelos quais os sujeitos passam na construção identitária, há forças externas que os empurram para a concordância das predefinições já estabelecidas, daquilo que representa, por exemplo, ser Homem ou ser Mulher. Essas predefinições interferem, diretamente, “através dos padrões, normas e valores que, enquanto membros de uma sociedade e de uma cultura, interiorizamos” e diretamente “através da acção dos que nos são próximos e que conosco se relacionam na base de certas assunções, na forma como nos definimos” (p. 4).



A identidade é sempre, e ao mesmo tempo, um encerrar e um abrir de fronteiras. Ela estabelece o que somos excluindo o que não faz parte de nós, traçando um limite para lá do qual seríamos, necessariamente, outra pessoa, determinando o que se espera de nós por sermos o que somos. Identificarmo-nos significa aceitarmos ou, pelo contrário, recusarmos, esses limites que [nos] contêm, que [nos] encerram, mas também aceitar [ou recusar] uma certa ordem do mundo que coloca cada coisa no seu lugar. A indefinição identitária gera confusão na medida em que o nosso lugar nesse mundo se torna, subitamente, desconhecido, pondo em causa o que tínhamos como adquirido acerca de nós próprios e, por essa vida, suscitando dúvidas sobre o modo como os outros nos vêem (Brandão, 2004, p. 4-5).

Significa que as identidades não são fixas, mas uma configuração de diferentes formas de [des]identificações, ao longo do tempo. Ou seja, desde o nascimento, é-se interpelado por diversos saberes que impõem formas de ser e estar no mundo. Na medida em que há contato com outras possibilidades, estranham-se as formas de identificação estabelecidas até então e acaba-se por identificar saberes novos e ou se desidentificar de outros. O processo é parte da construção identitária dos sujeitos, um processo de deslocamentos e estranhamentos, identificações e desidentificações. Brandão (2004) acredita, ainda, que a definição identitária do sujeito é afetada diretamente pela forma como ele vive sua sexualidade, principalmente aqueles “cujas práticas sexuais se situam à margem do que se convencionou ser a ‘normalidade’. As práticas sexuais não convencionais, não aceites, reprimidas e/ou marginalizadas podem produzir conflitos ao nível da definição identitária” (p. 5).

Quando a heterossexualidade é o padrão dominante e considerado exclusivo, quando outros modelos estão praticamente ausentes ou o que se mostra deles é estigmatizante, a ocorrência de um evento que a possa pôr, de algum modo, em causa, pode gerar um sentimento de isolamento, mesmo de ‘anormalidade’, com o qual é preciso aprender a lidar. Trata-se, portanto, de voltar a organizar o mundo, de [re]descobrir qual é o nosso lugar aí (Idem, pp. 5-6).

Com esses entendimentos, podemos analisar os processos que nos levam à metáfora do armário *gay*. Para Sedgwick (2007, p.38) “nenhuma pessoa pode assumir o controle sobre todos os códigos múltiplos e muitas vezes contraditórios pelos quais a informação sobre a identidade e atividade sexuais pode parecer ser transmitida” e, dessa forma, no processo de entendimento de si como sujeito homossexual surgem muitas dúvidas, cujas respostas mostram o quão difícil é a definição de uma identidade homossexual, a resistência a ela e, também, o quanto sua definição se afastou, muitas vezes, do próprio sujeito homossexual. Segundo Lanzarini (2013):

Nas práticas sexuais há fatores que distorcem a vida sócio-moral como comportamentos dissonantes da heterossexualidade dominante – que determinam que a vida sexual deve ser reprodutiva e, por isso, acontecer entre um homem e uma mulher, em padrões monogâmicos de união – e forçam as práticas divergentes a acontecerem nos guetos, evitando estigmas referentes à sexualidade ‘transgressora’, tal qual acontece com as práticas homoeróticas (p.551).

Lanzarini (2013) entende, ainda, que qualquer forma distinta dessa heterossexualidade normativa e dominante é tida pela sociedade como “um ‘desvio’ de comportamento” impondo a esses indivíduos uma marginalização e obrigando-os “a viverem ou à margem das

sociabilidades ou ‘no armário’”, este último caracterizado pelo autor como “um espaço simbólico onde se escondem desejos e sexualidades em benefício de um grupo social dominante, mantendo a identidade sexual em segredo” (p. 551).

O armário é definido por Sedgwick (2007) como “um dispositivo de regulação da vida de gays e lésbicas que concerne, também, aos heterossexuais e seus privilégios de visibilidade e hegemonia de valores” (p. 19); e, como uma “característica fundamental da vida social” (p. 22) devido à opressão sofrida pelas pessoas *gays*, as quais “por mais corajosas e sinceras que sejam de hábito, por mais afortunadas pelo apoio de suas comunidades, em cujas vidas o armário não seja ainda uma presença formadora” (p. 22). O autor também afirma que o armário foi uma “estrutura definidora da opressão *gay* no século XX” (p. 26), pois permitiu ao grupo dominante manter-se em tal posição de poder.

Conforme Miskolci (2013), “o armário se caracteriza por um conjunto de normas nem sempre explícitas, mas rigidamente instituídas que faz do espaço público sinônimo de heterossexualidade, relegando ao privado as relações entre pessoas do mesmo sexo” (p. 302-303). O autor ainda descreve o armário como a “tentativa de criar uma existência paralela cuja centralidade emocional tenciona o cotidiano em que lutam para se inserir como pessoas ‘normais’, discretas, heterossexuais” (p. 302-303) e argumenta que essa dicotomia em que vivem os homossexuais é “inevitável, e é visível como o trabalho constante de manutenção das vivências homo em segredo se pauta pela prioridade que conferem à sociabilidade heterossexual, em especial familiar” (p. 313). Mas ressalva que “mesmo mantidas em segredo e ocupando menos tempo em sua vida cotidiana, as relações secretas realmente desempenham um papel fundamental para eles” (p. 316).

Saggese (2008) expõe que no ato de “revelar sua homossexualidade, o indivíduo põe em xeque valores e crenças extremamente arraigados na sociedade” (p. 5) e, mesmo sentindo uma sensação de alívio, o sujeito acaba se submetendo a estigmatização e a “sofrer agressões físicas ou verbais, entre outras perdas sociais significativas” (p. 5). Nesse sentido, para Nunan (2003 como citado em Saggese, 2008, p. 5):

O coming out parece ser um dos processos de aprendizagem social mais importante na vida de um homossexual, na medida em que uma identidade homossexual positiva começa a se delinear através de uma espécie de ressocialização, já que, diferente de outros grupos estigmatizados, como negros e judeus, os homossexuais não possuem, de modo geral, apoio familiar para lidar com o preconceito. Faz-se necessário, portanto, que descubram por conta própria modelos que os ajudem a encontrar uma posição de relativo conforto.

Saggese (2008) ainda ratifica que o avanço da visibilidade homossexual como uma autêntica variante da sexualidade humana traz “uma maior aceitação subjetiva e integração social da mesma, ainda que incompleta” (p. 6). Já Sedgwick (2007) fala que “assumir-se não acaba com a relação de ninguém com o armário, inclusive, de maneira turbulenta, com o armário do outro” (p. 40) e coloca que “mesmo uma pessoa *gay* assumida lida diariamente com interlocutores que

ela não sabe se sabem ou não. É igualmente difícil adivinhar, no caso de cada interlocutor, se, sabendo, considerariam a informação importante” (p. 22).

Ao buscar todos os aspectos aqui apresentados, tem-se a oportunidade de perceber que o caminho compreendido entre o [re]conhecimento de si como sujeito inscrito em uma sexualidade subalternizada, o enfrentamento de todas as situações impostas pela cultura normativa dominante e a tomada de posição como sujeito dessa sexualidade, é demasiado longo e duro para tais sujeitos. Nesse processo, a viagem surge como um afastamento e/ou distanciamento das diferentes formas de coerção social que enfrentam em seus cotidianos, assim como uma possibilidade de inscrição de seus desejos através de experiências e/ou vivências não possíveis em seus locais de origem. Nesse sentido, a viagem poderia ser pensada como potencializadora no processo do *coming out gay*, haja vista que este ocorre a partir dos processos de [des]identificação do sujeito com diferentes saberes e formas de ser e estar no mundo, razão de reflexão desta pesquisa que analisaremos na sequência.

A VIAGEM COMO CAMPO DE FRONTEIRA

O deslocamento humano é tão antigo quanto a humanidade, a começar pelo nomadismo originado na necessidade de sobrevivência de nossos ancestrais mais remotos. Obviamente, os deslocamentos, nos diferentes períodos históricos, apresentaram formas e razões distintas, associadas aos contextos históricos, econômicos, culturais e sociais, então vigentes. Dias (2008), por exemplo, apresenta os deslocamentos dos gregos antigos como motivados por práticas desportivas e religiosas, além da busca por adquirir conhecimento, motivações que em muito se assemelham às atuais. Já os romanos, segundo o mesmo autor, teriam motivações mais completas em termos de deslocamentos por lazer, possuindo até mesmo segundas residências para uso em determinadas épocas do ano.

Outra relação tão sólida quanto a dos romanos, em termos de deslocamentos, seria a dos homossexuais com as “viagens para fora de seus locais de origem e para outros países” (Trevisan, 2006, p. 142), consideradas como “uma constante na história de vida de milhares de homossexuais, em diferentes países e nas mais diversas épocas” (p. 142). O mesmo autor ainda comenta:

Por que homossexuais viajam tanto? Em resposta à sensação de exílio em seu próprio país, frequente entre grande número de homossexuais, ocorre a necessidade premente de conhecer o mundo. A tendência é que homossexuais abandonem os lugares mais inóspitos e agressivos, inclusive suas cidades de origem, para “procurar o seu lugar”, movidos pelo desejo de se libertar. Daí um certo pendor andarilho que pode ser associado à vivência homossexual em nossas sociedades (p. 144).

Não é objetivo deste trabalho dissertar sobre os aspectos históricos dos deslocamentos, das viagens e do turismo. Fez-se registro introdutório neste sentido, apenas para confirmar que o deslocamento sempre foi um instrumento utilizado pelo ser humano, independentemente da forma como se desse, em busca daquilo que, em seu local de hábito, não fosse possível alcançar,



pois “o homem sempre está às voltas com necessidades relacionadas ao seu corpo, as quais só podem ser satisfeitas mediante a obtenção de algo que ele, de início, não possui” (Rotstein & Bastos, 2011, p. 373). Logo, “compreender o homem por meio do estudo das viagens ou buscar as razões que levam o homem a viajar e descobrir como as viagens influem na vida e no comportamento do homem são questões importantes” (Figueiredo & Ruschmann, 2004, p. 156) para o entendimento não apenas do ser humano em si, mas também do fenômeno turístico, das relações estabelecidas por e através dele e os efeitos que causam.

Para Burns (2002 como citado em Leal, 2013) a viagem abrange “motivações, expectativas, experiências, interações sociais e trocas culturais, com implicações e consequências das mais diversas ordens” (p. 11). Já Pimentel (2001) diz que a viagem é a forma pela qual os membros da nossa sociedade “ligam as suas vidas e consomem um mundo de significados e lugares” (p. 82) e que “quanto mais se aproxima da ideia de aventura, mais a viagem indica a possibilidade da liberdade” (p. 83), pois:

[...] na medida em que viaja, o viajante se desenraíza, solta, liberta. Pode lançar-se pelos caminhos e pela imaginação, atravessar fronteiras e dissolver barreiras, inventar diferenças e imaginar similaridades. A sua imaginação voa longe, defronta-se com o desconhecido, que pode ser exótico, surpreendente, maravilhoso, ou insólito, absurdo, terrificante. Tanto se perde como se encontra, ao mesmo tempo que se reafirma e modifica. No curso da viagem há sempre alguma transfiguração, de tal modo que aquele que parte não é nunca o mesmo que regressa (Ianni, 1996 como citado em Pimentel, 2001, p. 83).

Por isso Ianni (1996 como citado em Pimentel, 2001) entende que toda viagem destina-se a ultrapassar fronteiras, tanto a dissolve como as recia. “Ao mesmo tempo em que demarca diferenças, singularidades ou alteridades, demarca semelhanças, continuidades, ressonâncias” (p. 87). Krippendorf (2009) afirma que a necessidade da viagem se dá porque as pessoas “sentem em seu âmago a monotonia do cotidiano, [...] assim como o empobrecimento das relações humanas, a repressão dos sentimentos” (p. 11) e, em contraponto a isso, viaja-se para “liberar-nos da dependência social, desligar-nos e refazer nossas energias, [...] entabular contatos, descansar, [...] procurar um pouco de felicidade” (p.11). Consequentemente, “a possibilidade de sair, de viajar, reveste-se de uma grande importância” (p. 34). O mesmo autor apresenta algumas teses das razões pelas quais os sujeitos viajam, das quais “viajar é fugir” (p.45) e “viajar é partir para a descoberta de si mesmo” (p.48) embasam a compreensão necessária às nossas futuras análises.

É importante ressaltar que, embora corroboremos com a noção da viagem nos aspectos citados, questionamos a ideia de liberdade e fuga diante de si mesmo, elencada pelos autores, na medida em que o sujeito pode se libertar física e temporariamente das coerções cotidianas e sentir um prazer e bem-estar psíquico e emocional, por não ter que vivenciá-las, mas isso não faz com que elas deixem de existir ou de interpelá-los em suas subjetividades. O próprio Krippendorf (2009) argumenta que o condutor do sujeito à viagem “não é tanto o resultado de um impulso pessoal quanto à influência do meio social, que fornece a cada um as suas normas existenciais. A decisão pessoal é, de certa forma, condicionada pela sociedade” (p. 36).

Por este motivo, apresenta-se a ideia de que o sujeito é interpelado a se deslocar e mesmo em deslocamento está sujeito à interpelação. Enxerga-se, portanto, o deslocamento como uma forma de resistência do sujeito aos modos de interpelação coercitivos e estigmatizantes do meio em que vivem. Uma resistência à impossibilidade de liberdade. Impossibilidade porque se trata de uma liberdade que não é física, psíquica ou emocional, mas, sim, a liberdade ideológica. Para nós, o sujeito é e sempre será interpelado por uma ou mais ideologias, ou seja, sempre estará sujeito às imposições de uma ideologia dominante que rege os padrões e normas vigentes na sociedade. E isso inclui o próprio ato de viajar. Resistência porque permite aos sujeitos o estranhamento e, em consequência, os processos de [des]identificações com os padrões e normas estabelecidas em seu meio habitual.

Em comum aos autores aqui apresentados, há dois entendimentos nas teorias, passíveis de ajudar a compreender os usos e significados das viagens no processo de *coming out*: experiência e fronteira. Ao analisar a etimologia da palavra ‘experiência’, Rotstein e Bastos (2011) mostram que os sentidos dos termos que dão origem à palavra ainda se relacionam com os significados atuais:

‘*Erfahrung*’ e ‘experiência’, respectivamente, no alemão e português correntes, designam hoje de modo predominante o ato de vivenciar, travar contato com algo pelos próprios sentidos, ou o saber obtido dessa maneira. Ambos têm raízes comuns na língua grega e latina e remontam a termos cujo sentido concreto se deixa entrever especialmente no termo alemão. Este se forma a partir do verbo “*erfahren*”, derivado de ‘*fahren*’. Desde sua aparição até os dias atuais, ‘*fahren*’ conserva como sentido predominante ‘viajar’, “percorrer uma extensão”, via de regra, “em direção a um lugar e por meio de algum veículo”. Sentido semelhante transmitiu-se, então, a ‘*erfahren*’, o qual passou gradualmente a designar também o ato de deslocar-se para colher alguma informação sobre alguém ou algo, para, finalmente, ter seu significado restringido a vivenciar, informar-se sobre algo por meio da percepção sensível, sem que esse ato tenha de ser precedido por qualquer atividade do experienciador (p. 372)

Logo, serão as experiências vivenciadas através da viagem que trarão, *a priori*, as significações e sentidos que o sujeito busca, mesmo que opacos ao seu entendimento. Especificamente em relação ao tema abordado, serão as experiências vividas pelos sujeitos homossexuais durante as viagens que possibilitarão a eles a [re]identificação de si, longe das coerções sociais a que são submetidos cotidianamente.

Sobre fronteira, Paulo Jorge Vieira (2011) fala que a ‘mobilidade’ é permeada “com fronteiras simbólicas e reais que delimitam os diferentes territórios onde essas mesmas mobilidades acontecem” (p. 47). Salienta, assim, que mesmo que se identifiquem as fronteiras como limites geopolíticos, deve-se reconhecê-las como “construções sociais, culturais e políticas” (Paasi, 2005 como citado em Vieira, 2011, p. 47). Dessa forma, ratifica as “fronteiras como espaços de ruptura e descontinuidade espacial” (p. 47), que devem ser entendidos como “importantes elementos constitutivos das práticas e narrativas através dos quais grupos sociais e suas identidades são construídas e governadas” (Houtum, Kramsch & Zierhofer, 2005 como citado em Vieira, 2011, p. 47).

Ao interpretar a temporalidade e a noção de tempo e espaço das viagens, não reconhecendo o espaço como abstração “limitada aos objetos de interesse” (p. 21), mas sim o espaço social integrado aos sujeitos, Almeida (2013), não compreende a viagem através “do modelo do deslocamento [abstração], mas como dimensão constitutiva de um mesmo ‘campo de transcendência’ ou ‘campo de presença’, fundadora de uma diferenciação interna que se altera constantemente” (p. 22). Segundo ela, “seria o ‘campo de presença’ definidor da passagem, da travessia que permite a criação do campo de fronteira, um espaço aberto por intersecções” (p. 22).

São as subjetividades dos sujeitos, na sua dimensão externa, que criam as descontinuidades espaciais e permitem a experiência da alteridade no campo de fronteira, o olhar para si mesmo a partir do encontro no outro visível e invisível. Neste sentido, a realidade do outro, do mundo, como exterioridade seria apenas uma passagem, um espaço intermediário no processo de elaboração da experiência. A experiência, nesse sentido, dependeria da relação que o sujeito cria com o mundo (Almeida, 2013, p. 22).

Tais sujeitos buscariam “no campo de fronteira, no encontro permanente com o mundo e os outros (os outros homens, a natureza, o outro não humano, e o outro espiritual) conhecerem-se mais. Caso contrário, estaríamos nos referindo a uma experiência de imobilidade” (Almeida, 2013, p. 23). Deste modo, se a fronteira no campo do armário homossexual representa o limite entre o público e o privado (Reynolds, 1999 como citado em Saggese, 2008), ou no campo da identidade o limite entre o sujeito e o outro, no espectro da viagem se pode relacionar a fronteira como o ponto onde a alteridade se estabelece e permite a efetivação da experiência. Por outras palavras, é “em torno das práticas espaciais [...] que a saída do armário como processo de mobilidade se espacializa ultrapassando fronteiras simbólicas e reais” (Vieira, 2011, p. 49). Finalmente, se “a identidade existe sempre em relação à outra, [...] identidade e alteridade estão sempre ligadas, não existindo identidades unicamente para si” (Almeida, 2013, p. 23). Logo:

A experiência da viagem turística, para ser significativa, encontra seu potencial na experiência de fronteira, um olhar [de corpo inteiro] atento, cuidadoso, aberto do sujeito para a experimentação do mundo e suas alteridades espaciais. Uma atitude comunicacional, dialógica, com o mundo e todos os seus outros. Uma experiência de atravessamento para o encontro no outro, uma passagem para o encontro de nós mesmos. Penso que encontrar o outro em nós mesmos significa o encontro de si mesmo no outro. Trava-se, assim, uma relação dialógica entre o outro de si mesmo e o outro do outro. A viagem, aqui, é pensada como travessia, transformação, passagem permitida pelo campo de fronteira (Idem, p. 26).

A VIAGEM ATRAVÉS DE RELATOS DE VIAJANTES GAYS: A BUSCA PELA INSCRIÇÃO DO DESEJO E DO [RE]CONHECIMENTO DE SI



Seguem-se, agora, a apresentação e análise dos quatro relatos de viajantes gays, obtidos mediante a realização de entrevistas, cujo roteiro foi composto por perguntas pré-definidas, mas abertas o suficiente para que a relação entrevistador/entrevistado fosse minimamente amistosa, já que o tema tratado envolve questões íntimas e muitas vezes representam o sofrimento, e para que obtivéssemos relatos consistentes nos auxiliando nessa busca de intersecções entre as viagens e o armário *gay*.

Todas as entrevistas ocorreram entre os meses de junho e julho do ano de 2014, na cidade de Pelotas, RS, com homens *gays* cisgêneros⁶ que possuem como hábito viajar e que foram indicados por um membro do Grupo Também Pelotas – Pela Livre Expressão Sexual, conforme já apresentado na introdução deste texto. Para fins de preservação da identidade e privacidade dos sujeitos entrevistados, omitem-se os seus nomes e quaisquer outras informações que possam identificá-los, embora alguns deles tenham autorizado tal uso. Entende-se que os relatos já expõem elementos suficientes a seu respeito para a compreensão dos seus lugares de fala. Portanto, os entrevistados serão aqui identificados com nomes fictícios João, Pedro, Fernando e Ítalo, obedecendo a ordem na qual ocorreram as entrevistas.

Sobre os relatos de viagens, há dois tipos distintos nas entrevistas realizadas: a viagem turística e as residências temporárias em outra cidade, ou seja, o estabelecimento de residência em outro lugar, ainda que temporariamente. Embora tenhamos nos deparado com tal situação, essa não comprometeu o trabalho, uma vez que tais deslocamentos se caracterizaram como narrativas de afastamento, alteridade e [re]conhecimento de si. Inicia-se abordando o deslocamento para residência temporária, destacado por um dos entrevistados e que julgou-se relevante para pesquisa. Posteriormente, analisam-se os demais relatos sobre viagens turísticas.

João (18.06.2014), após concluir um curso técnico, aos 19 anos, relatou ter ido, por um ano, na cidade de Florianópolis, SC, onde teve as primeiras vivências de experimentação relacionadas a sua sexualidade.

[...] eu me formei em 97, com 19. E aí fiquei um ano morando em Florianópolis. E aí foi que eu fui experimentar essa sexualidade. [...], eu digo então que eu fui viver essa sexualidade e essa afetividade só depois dos 18? Porque eu fui ter o meu primeiro namorado em Florianópolis depois dos 18 anos né! Então eu fui ter o meu primeiro namorado lá, foi a primeira vez que eu saí sozinho, foi a primeira vez que eu beijei em público, foi a primeira vez que, sei lá, andei de mão dada na rua, né... Então, eu acho que essa vivência foi lá. E aí é simples, no momento que tu descobre que tu tá feliz e que aquilo é o que você é, acabou! Nada mais vai fazer você voltar atrás! (João, 18.06.2014).

O relato acima transmite a sensação de desprendimento de algo que impossibilitava viver a sexualidade em seu local de origem, atribuída à viagem por Pimentel (2001), quando diz que “na medida em que viaja, o viajante se desenraiza, solta, liberta. Pode lançar-se pelos caminhos e

⁶ Entende-se como cisgêneros, todos os sujeitos cuja identidade de gênero e expressão de gênero estão em conformidade com os padrões de gênero estabelecidos pelo binarismo masculino-feminino e determinados pelo sexo biológico desde o seu nascimento, ou seja, pessoas que não são lidas social e culturalmente como transgêneras (travestis, transexuais, etc.).

pela imaginação, atravessar fronteiras e dissolver barreiras” (p. 83). O mesmo entrevistado revela, através de sua fala, que a transgressão do seu armário, o seu *coming out*, se iniciou enquanto morava em Florianópolis/SC, pois ao conhecer outros *gays* e ter novas experiências, sempre que um amigo seu o visitava ele revelava aquilo que estava diferente de antes:

Conforme eu comecei a viver, depois dos 19, então, em Florianópolis, quando eu comecei a conviver e conheci outros gays, alguns amigos meus daqui de Pelotas começaram a me visitar lá e, na medida em que eles iam me visitando, eu ia dizendo: olha tem algumas coisas diferentes, eu tô namorando um cara; ou: eu tô ficando com um cara. Teve um amigo meu que ele queria muito sair lá em Florianópolis e eu disse: ‘A gente vai sair, mas a gente vai numa boate gay’. E eu me lembro que ir num lugar gay era algo muito marcante, embora antes dos 18 já existiam esses lugares aqui em Pelotas, eu não tinha coragem de ir. Então, eu fui ter coragem de ir lá! (João, 18.06.2014)

A palavra ‘coragem’, empregada pelo João, demarca fortemente a impossibilidade de inscrição desse sujeito no seu local de origem por fatores que o impunham medo de ser quem ele sentia que era. Sentia, pois ao falar que já havia festas para este público em sua cidade, demonstra que possuía algum interesse a respeito. Sobre o período após viver em Florianópolis, João afirma que, ao retornar para Pelotas, seu comportamento em relação à sua sexualidade havia sido transformado, ratificando a ideia de Ianni (1996 como citado em Pimentel, 2001) de que “aquele que parte não é nunca o mesmo que regressa” (p. 83). No caso de João, embora o mesmo relate não ter encontrado formas de realizar o *coming out* diante de sua família, após seu retorno, sentiu a necessidade de transgredir esse armário, demonstrando o processo de [des]identificação em relação a sua identidade, ocorrido durante o afastamento, conforme ele mesmo explica:

E eu voltei pra Pelotas, depois de mais ou menos um ano e meio, porque eu passei pra Direito aqui e não lá, e quando eu voltei pra cá, eu tava muito mais flexível quanto a minha sexualidade, mas ainda se fazia necessário um momento de enfrentamento frente à família. Por quê? Porque se mesmo que eu não contasse nada, eu ia ficar me sentindo mal, me sentia muito mal, a impressão que eu tinha era que eu tinha que falar. Eu não sei te explicar o porquê. É um sentimento de urgência. Tu tem que falar! Tu tem que falar! Não sei por quê?! Eu sei que eu tinha que falar de alguma maneira, mas eu não encontrava como (João, 18.06.2014).

Por fim, ao ser questionado sobre o quanto as experiências nesse período de afastamento contribuíram sobre sua sexualidade, João mostra que “se elas não tivessem acontecido eu tava ainda enterrado na caverna” (João, 18.06.2014), pois havia ido “pra uma cidade onde ninguém me conhecia, aonde eu tinha Internet, tinha grupos que o pessoal se encontrava, conversava, aonde tinha baladas, bares” (João, 18.06.2014) e tudo isso contribuiu para proporcionar a ele um ambiente de experimentação, indo ao encontro das teses das razões de viagem propostas por Krippendorf (2009), quando coloca que “Viajar é partir para a descoberta de si mesmo – [...] é precisamente num ambiente incomum e estranho que retomamos a consciência da nossa própria realidade. [...] Temos tempo para comparar-nos ao outro e descobrir nossas aptidões” (p. 48).

Então, sim, sem sombra de dúvidas, é fundamental se enxergar isso, se enxergar no outro ou enxergar as possibilidades da tua vida no outro, sabe?! É isso que é fundamental, dizer assim: ó, é isso! Quando a gente fala assim: Ah, os gays não têm referencial, eu acho que a gente corre o risco de pensar muito que aquele referencial freudiano, que durante muito tempo se cultivou, de que o gay não tem um referencial masculino. Eu acho que a gente carece sim de referencial, só que não é nesse sentido. A gente carece de referencial de quem é gay! Da gente ver que existem pessoas como nós e que isso é normal, e que elas vivem bem (João, 18.06.2014).

Sobre as viagens que realizaram, os entrevistados revelam um espectro amplamente diverso de interesses, experiências e características referentes aos seus deslocamentos. Inicialmente, ao serem solicitados a falar sobre viagens que tivessem feito ao longo de suas vidas e que desejassem compartilhar, alguns deles relataram o que o ato de viajar representava para si, antes de falar sobre as viagens propriamente ditas, como segue:

Eu me lembro que, na verdade, o ato de viajar eu acho ele libertador por excelência. Se tu alia isso a um sentimento de cê tá numa cidade aonde tu tava dentro de um esquema, aonde tu tinha família, tinha escola, amigos, no momento em que tu viaja, é claro, é óbvio que isso, por mais que tu não queira, vai ser uma experiência libertadora. Então, desde criança eu me lembro assim, que viagem sempre me deu muito tesão, sabe. Quando eu digo tesão é tesão sexual também, sabe, não que eu, não sou um dos defensores do turismo sexual, não é essa a ideia, mas é que eu acho que ela tem esse sentimento arrebatador, libertador e, inclusive, libertador, assim, de forma sexual. Você chega num lugar onde historicamente, se você tá inserido numa realidade de difícil convivência, cê chega num lugar onde ninguém te conhece, isso se torna muito mais flexível (João, 18.06.2014).

Eu acho que viajar sempre traz a sensação de liberdade pra gente. Só não sei quando é a negócios ou a trabalho. Mas até quando a gente vai a trabalho, eu mesmo, pensando nas viagens que a gente vai pela Universidade, tem trabalhos pra apresentar e fazer nos congressos, só o fato parece que sair da onde a gente tá vivendo e se deslocar espacialmente até um outro lugar, já te dá uma sensação de liberdade. Momentaneamente tu tá te desprendendo, tu tá deixando toda uma carga de lado pra ir pra algo novo, diferente, ou visitar algo que tu não via há muito tempo. Então eu me sentia, não sei se essa é uma boa definição, mas acho que essa sensação de liberdade que as viagens proporcionam, eu acho algo que deve ser falado. [...] Eu acho que interferem primeiro nesse sentido, né, que a gente tem uma liberdade maior, a gente tem uma amplitude maior de liberdade quando a gente viaja (Fernando, 02.07.2014).

Os relatos, mais uma vez, evidenciam a tese de Pimentel (2001) sobre a viagem como um desprendimento de uma amarra de origem. Dessa forma, constata-se a ideia *a priori*, de que a viagem, o deslocamento, o afastamento do entorno social, caracteriza-se como um subterfúgio, seja ela do cotidiano, ou seja, sobretudo no caso dos *gays*, o afastamento da opressão normativa da sociedade. Percebam que, tanto no relato de João, quanto no de Fernando, a relação de liberdade e resistência à ideologia dominante aparece. No momento em que João realiza a ressalva sobre turismo sexual, ele está estabelecendo alguma ligação [ainda que inconsciente], entre os temas e evidenciando a presença de relações de poder com a ideologia dominante. Da mesma forma, Fernando também realiza a ressalva quando se trata de uma viagem por motivos de trabalho, trazendo novamente a ideologia dominante para o campo discursivo, no conflito que existe entre trabalho e não trabalho. É nesse sentido que se expõe a resistência como a

impossibilidade de liberdade, pois sempre algo retorna, sempre algo se conecta com a restrição da norma.

A primeira viagem que Pedro relata, em suas palavras “já me vem de cara, na cabeça, é o Uruguai, não tem como, né?” (Pedro, 18.06.2014), se referindo à viagem que realizou com o Grupo Também Pelotas – Pela Livre Expressão Sexual –, onde pela afinidade criada acabou retornando outras vezes. Afirmou que a oportunidade de viajar com este grupo foi motivo de muita expectativa para ele, pois “lembro que foi lindo aquele ônibus, tipo, vendo tudo, a bicharada, eu lembro que foi aquela coisa fantástica [...]. Daí eu pensei: Que maravilha! Essa viagem vai ser eu, eu mesmo!” (Pedro, 18.06.2014). Tal afirmação demonstra a busca que Pedro almejava ao realizar a viagem, a de não ter a necessidade de disfarçar ou negar seus sentimentos, partir para longe das coerções sociais, partir para aquilo que se quer e não se tem, em busca de experiências que trouxessem o sentido e a significação necessária à [re]identificação de si (Rotstein & Bastos, 2011). O mesmo entrevistado fala que, em outra oportunidade de viagem ao Uruguai, conheceu um homem em uma festa e manteve relação com o mesmo por mais seis meses. Ao ser questionado sobre a contribuição dessa experiência para si, respondeu:

Eu acho que cada experiência que tu passa na vida, especialmente viagens, por exemplo, eu acho que sempre vais acumulando, tu vai ficando mais com aquela sensação, tipo, eu preciso realmente fazer mais alguma coisa com relação a mim próprio, me abrir, etc. Acho que contribuíram muito, foram ótimas e tal. Inclusive essa, por exemplo, que eu conheci esse uruguaio, pra mim foi muito legal, um cara muito bacana, muito legal, ele também me ensinou muita coisa legal. Uma visão maravilhosa ele tinha, ele tinha não, tem, né! Ele vê o mundo, tipo, sempre o lado bom do mundo, sempre tudo é o lado bom das pessoas, ele me ensinou muito de ver essas coisas boas (Pedro, 18.06.2014).

Outro dado interessante, que surge em duas entrevistas, é a relação de deslocamentos de *gays* entre cidades próximas, como é o caso de Pelotas e Rio Grande, o que possibilitou retomar a abordagem das “fronteiras como espaços de rupturas e descontinuidade espacial”, pois são entendidas como “elementos constitutivos das práticas e narrativas através dos quais grupos sociais e suas identidades são construídas” (Vieira, 2011, p. 47). Ítalo relata, inclusive, que o ônibus intermunicipal utilizado, possuía um nome próprio pelo fato desse tipo de viagem constituir-se em algo recorrente entre os *gays* das referidas cidades:

Eu tive, antes de vir morar aqui, eu tive só uma vez aqui. Foi uma amiga que me trouxe, eu vim no último ônibus de Rio Grande pra Pelotas, que chama Priscila né, Expresso Priscila, porque é a hora que as bichas vêm de Rio Grande pra cá. Vem muita, muita, mas muita, e assim ó, é um frege muito grande. Eu fiquei muito tímido, encolhido, reservado, mas só vem, assim ó, são 33 ou 36 pessoas e 90% do ônibus é só bicha. Mas já é conhecido, é um frege pros motoristas, pros cobradores, pros fiscais, porque vem lotado de bicha de Rio Grande pra cá, lotado! Eu não imaginava que isso pudesse acontecer! [...] E aí eu me lembro que eu fui pro Kalabouço. [...] Fiquei com um rapaz, que depois eu descobri que era de Rio Grande, fiquei tão nervoso na hora... Obviamente eu não sabia beijar, né, que eu tirei sangue da boca dele, eu mordi e eu larguei o guri e saí andando [...] (Ítalo, 04.07.2014).

Como expõe Almeida (2013), “são as subjetividades dos sujeitos, na sua dimensão externa, que criam as discontinuidades espaciais e permitem a experiência da alteridade no campo de fronteira, o olhar para si mesmo a partir do encontro no outro visível e invisível” (p. 22) e o Ítalo (04.07.2014) nos mostra um pouco disso. Mesmo este entrevistado tendo se deslocado para poder ter a experiência de beijar outro homem, acabou por encontrar um homem da sua cidade de origem, o que conferiu a ele um sentimento de grande apreensão. Tal apreensão, o fez ignorar o fato de que, talvez, esse outro homem também estivesse lá pelo mesmo motivo. Outro relato, sobre o deslocamento de homossexuais entre Pelotas e Rio Grande, cidades fronteiriças, é o de João, que demonstra o uso das viagens por essa população no sentido de subversão. Ele afirma:

[...] eu me lembro que eu conheci um amigo meu na Internet, nós éramos amigos, e a gente tinha muita vontade de ir numa festa gay, mas não em Pelotas, então a gente foi em Rio Grande, tinha uma festa em Rio Grande, então me lembro que foi uma viagem específica, viagem aqui do lado. [...] Então a gente foi até lá e isso se tornou um hábito. Todo final de semana a gente viajava pra lá, pra curtir uma balada em Rio Grande e acho que tem gente que faz isso até hoje, não nesse lugar específico, mas acho que tem muita gente que faz isso, gente de Rio Grande que vem curtir baladas aqui e a gente que vai pra lá (João, 18.06.2014).

As duas falas anteriores, de Ítalo (04.07.2014) e João (18.06.2014), sobre os deslocamentos entre as cidades de Pelotas e Rio Grande, conferem ao campo de fronteira o significado abordado por Vieira (2011), que a escreve para além dos limites geopolíticos, mas como “fronteiras simbólicas e reais” reconhecidas como “construções sociais, culturais e políticas” (p. 47), uma vez que, mesmo em deslocamentos de curta distância, entre cidades limítrofes, “a realidade do outro, do mundo, como exterioridade seria apenas uma passagem, um espaço intermediário no processo de elaboração da experiência” (p.47), sendo essa experiência, quando vivenciada no campo de fronteira, aquilo que leva o sujeito à percepção de si no outro.

Os entrevistados também possuem, de forma unânime, outras relações com os deslocamentos, no sentido de conhecer as realidades sociais e culturais locais, fugindo do estereótipo, difundido no senso comum, em apenas relacionar o turismo realizado por essa população a espaços e guetos de sociabilidades sexuais, como mostra a fala de Fernando:

Eu gosto de conhecer lugares que não sejam tão falados porque, às vezes, a gente se surpreende muito e eu me surpreendi, porque tanta coisa que não tinha sido falada sobre Florianópolis eu conheci quando eu fui, então, pra mim, foi muito bom ter a sensação não só de liberdade, mas de conhecer aquilo que é desconhecido (Fernando, 02.07.2014)

Da mesma forma, na fala de Ítalo é percebida outra forma de relação com os destinos visitados:

Em primeiro lugar, o que eu procuro é a parte cultural mesmo. Não vou dizer que eu não procuro a putaria também, é óbvio, só que em primeiro lugar é a parte cultural. Eu acredito, e isso faz tempo que eu carrego comigo, que eu tenho que trazer alguma coisa de bom dessas viagens. Acho que todo mundo tem. Trazer alguma coisa de bom daquilo ali, tu trazer uma nova cultura, o jeito de pensar daquelas pessoas (Ítalo, 04.07.2014).

É interessante notar no relato de Ítalo (04.07.2014), que ele não nega existir a busca pela experimentação do prazer sexual, mas deixa nítido que esse não é o único objetivo. Ao mesmo tempo, demonstra que não considera o ato sexual algo positivo, quando fala que “tenho que trazer alguma coisa de bom dessas viagens” dissociando a ‘putaria’ das demais atividades. Pode-se entender na contradição exposta pelo entrevistado, a construção do sexo/sexualidade como algo proibido e, portanto, fruto das coerções impostas pelas normas sociais. É possível constatar, novamente, a resistência do sujeito à ideologia dominante por meio do estranhamento e da contradição exposta.

As experiências no campo de fronteira descritas por Almeida (2013) referem-se, da mesma forma que Ítalo, ao “encontro permanente com o mundo e os outros [os outros homens, a natureza, o outro não humano, e o outro espiritual]” (p. 22), permitindo aos sujeitos o [re]conhecimento de si diante do outro mundo, e não apenas do outro humano. Logo, os sujeitos que se encontram em busca de algo, em busca de experimentações, se sentem não apenas incompletos em relação à sua sexualidade, mas em outros aspectos importantes relacionados à busca de si, como o seus próprios lugares de origem, suas identificações, suas práticas... Obviamente, assim como qualquer outra pessoa busca traçar comparativos entre sua realidade e os locais que visita, os *gays* buscam conhecer como é a realidade da população LGBT durante suas viagens, contudo, uma vez que os espaços de sociabilidades LGBT são muitas vezes restritos à esfera privada, as experiências de fronteiras acabam ocorrendo em festas, saunas, cinemas, entre outros tipos de estabelecimentos mencionados. Nesse caso, a fronteira no campo do armário *gay* representa o limite entre o público e o privado (Reynolds, 1999 como citado em Saggese, 2008). Fato é que se encontram nas entrevistas realizadas as experiências de fronteiras descritas anteriormente no referencial, as quais foram cruciais para a reflexão dos indivíduos entrevistados a respeito de suas sexualidades. O último trecho do relato de Fernando expõe isso:

Não são só diferenças naturais ou culturais que a gente encontra nos lugares, as diferenças de vivência da própria sexualidade também são presentes, e a viagem te traz uma oportunidade pra refletir incrível. Eu lembro que quando eu fui pra São Paulo, que foi uma outra viagem bem marcante que eu tive... Aqui em Pelotas, a gente ainda não tinha essa possibilidade de demonstrar publicamente o afeto, e como eu tava lá numa grande capital, por diversos momentos eu via os casais demonstrando publicamente, demonstrando o afeto, então aquilo foi, aquilo me afetou de uma forma maior do que deveria até, porque fez pensar muito, inclusive sobre a minha própria postura. Então serviu pra eu pensar as diferenças que tinha nos lugares né, nos lugares que eu fui visitar com o lugar que eu moro, mas serviu pra refletir sobre a minha própria postura diante da vida, da minha sexualidade, das minhas vivências, foi bastante interessante. [...] Eu acho que a viagem te proporciona mais isso também, sabe, de tu quebrar um pouco, não só com a tua rotina, mas com a tua maneira de fazer as coisas, com a tua forma de enxergar o mundo e as coisas, porque tu vai entrar em contato com múltiplas diferenças, tu vai por a prova e tu vai repensar o que tu construiu até ali e tu vai ampliar as tuas próprias referências de informações, de mundo (Fernando, 02.07.2014).

Logo, a experiência de fronteira, através de Almeida (2013), permitiu aos entrevistados, utilizando as palavras da própria autora, “uma relação dialógica entre o outro de si mesmo e o

outro do outro” (p. 23). Essa relação dialógica altera a percepção do sujeito sobre sua sexualidade, o fazendo resistir frente às coerções enfrentadas em seu meio habitual, forçando-os a “uma atitude comunicacional, dialógica, com o mundo e todos os seus outros. Uma experiência de atravessamento para o encontro no outro, uma passagem para o encontro de nós mesmos” (p.26). Essa passagem para o encontro conosco mesmo, neste trabalho, permitiu compreender como as viagens que proporcionam a vivência das experiências de fronteira e que, conseqüentemente, permitem o saber necessário de si para o enfrentamento das transgressões dos armários, sejam eles quais forem.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo do trabalho, houve a oportunidade de, além da complexidade característica do campo de estudos do Turismo, compreender que a sexualidade humana perpassa inúmeros aspectos relacionados às esferas cultural, social e política, entre tantas outras possíveis, análises condizentes com a importância do tema. Os pesquisadores deparam-se, pois, no transcorrer das leituras realizadas, com diversos conflitos teóricos em todos os campos de estudos percorridos, cuja discussão extrapolaria os limites e a amplitude deste tipo de trabalho.

A abordagem histórica-social da homossexualidade permitiu observar e ratificar que diferentes sexualidades estiveram presentes em todos os períodos da existência humana, configurando as sexualidades, inclusive as subalternizadas, como um aspecto intrínseco ao humano. Apesar disso, com o advento de religiões monoteístas e outras formas de relações hierárquicas de poder e dominação, começa a disseminação de discursos contrários à homossexualidade. Reproduzidos ainda hoje, são responsáveis pela perseguição e discriminação de todas as sexualidades distintas da norma estabelecida e aceita, a heterossexual.

Contudo, as características da sociedade contemporânea estão sendo transformadas pela luta e resistência dos movimentos sociais e vêm acolhendo paulatinamente as necessidades de novos entendimentos, posturas e atitudes diante dessa problemática, sendo perceptível a existência de uma maior abertura para tais discussões nos dias atuais. Necessidades e incorporações que têm contribuído para o avanço do respeito e do reconhecimento dos LGBT como cidadãos e cidadãs de direito pleno, mesmo que de forma ainda incipiente ao redor do mundo.

Posteriormente, houve a oportunidade de aprofundar o conhecimento acerca do entendimento da sexualidade humana e dos processos pelos quais passam os sujeitos *gays* na busca de referenciais identitários e no enfrentamento dos conflitos gerados frente à construção histórica referida. Compreendeu-se, ainda, o papel do armário *gay* e o processo de *coming out*. As teorias discutidas encontraram sustentação nos relatos coletados, permitindo a articulação com os depoimentos dos sujeitos viajantes entrevistados.

Acrescenta-se à compreensão das viagens, a possibilidade de estas caracterizarem-se como experiências transformadoras no campo de fronteira, campo este onde a alteridade se estabelece e permite aos sujeitos *gays* o [re]conhecimento de si sobre o outro e do outro através



de si. Essa relação dialógica estabelecida entre as teorias identitárias, as discussões sobre o armário, o *coming out* gay e as viagens como oportunizadoras de experiências de fronteira foram, em nosso entendimento, suficientes para demonstrar outra possibilidade de abordar a relação das viagens com os sujeitos *gays*.

Os dados das entrevistas analisados contribuíram, sobretudo, para a constatação de que os deslocamentos, turísticos ou não, se constituem como instrumentos de afastamento, enfrentamento e resistência às coerções sociais a que estão submetidos os *gays*. Estes partem em busca daquilo que lhes é negado, partem em busca de experiências que possam proporcionar-lhes não apenas a experimentação do prazer sexual, não apenas o conhecimento do outro, mas principalmente o [re]conhecimento de si e, com isso, tangenciar os conflitos existentes e transgredir os limites impostos pelo armário gay.

Nossa posição é a de que o sistema de relações sociais, culturais, econômicas, etc., no qual vivemos, não possibilita a inscrição de todas as subjetividades plenamente, não dá voz, nem espaço para que os sujeitos apareçam, em razão do jogo de poder que envolve a dominação de alguns grupos sobre outros, garantindo a reprodução dos meios de produção dominantes. Essas viagens são permitidas aos sujeitos, mas também formatadas como segmento, roteiro, guetos, atrativos turísticos, para que não haja a desidentificação total de suas posições subalternas. Ocorre que, mesmo que os sujeitos viajantes *gays* sigam a formatação pré-estabelecida, aqueles que formatam o sistema não detém o domínio e o controle sobre as experiências que estes sujeitos terão no campo de fronteira, ou seja, no campo onde as alteridades se estabelecem. Diante dessa [im]possibilidade de inscrição e de enfrentamento, os sujeitos se deslocam como uma forma de resistência.

Interpelados por outros saberes, os sujeitos viajantes *gays* reorganizam suas próprias construções identitárias a partir das experiências oportunizadas pelas viagens e pelo contato com o outro [in]visível. Assim, ao retornar, estes sujeitos já se [des]identificaram com outras possibilidades de ser e estar no mundo, cujo retrocesso à posição anterior seria investido de uma alta carga de sofrimento, talvez maior do que antes. Este novo rearranjo impulsiona os sujeitos *gays* a buscarem a inscrição do seu desejo pela transgressão dos limites do armário. A viagem, então, para os sujeitos viajantes *gays*, é um movimento de dupla resistência, às coerções sociais do local de origem, mas também à formatação pré-estabelecida pelo setor turístico que, na maioria das vezes, preocupa-se apenas com a reprodução dos saberes dominantes.

Por este motivo, acredita-se que o trabalho desenvolvido atinge seu objetivo, não apenas ao demonstrar a existência de outra relação entre as viagens e os *gays*, fugindo da lógica estatística e economicista do mercado da segmentação, mas também pela riqueza dos dados obtidos e da potencialização dos estudos que vêm sendo desenvolvidos. Nossas pesquisas mais atuais caminham nesse sentido e em interface com outros saberes, como a Psicanálise, o Materialismo Histórico e a Linguística, na intenção de aprofundar os levantamentos e análises aqui estabelecidas, mas preservando a intenção inicial de problematizar a segmentação de mercado LGBT. Uma problematização ainda necessária.



REFERÊNCIAS

- Almeida, F. A. B. (2013). [Viagens turísticas como experiências de fronteiras](#). *Revista Brasileira de Ecoturismo*, 6(1), 13-28.
- Angeli, E. A. (1999). Turismo GLS. p. 183-206. In M. G. R. Ansarah (org.). *Turismo: segmentação de mercado*. São Paulo: Futura.
- Azevedo, M. S. de, Martins, C. B. & Pizzinatto, N. K. (2010). [Segmentação no setor turístico: o turista LGTB de São Paulo](#). *Anais... VII Seminário da Associação Nacional de Pesquisa em Turismo*, São Paulo, SP, Brasil.
- Barretto, M. (2003). [O imprescindível aporte das ciências sociais para o planejamento e a compreensão do turismo](#). *Horizontes Antropológicos*, 9 (20), 15-29.
- Brandão, A. M. (2004). "[Ser e Saber](#)" – (re)visitações do passado e construção das identidades (homos)sexuais. *Anais... V Congresso Português de Sociologia*, Braga, Portugal.
- Dias, R. (2008). *Introdução ao Turismo*. São Paulo: Atlas.
- Figueiredo, S. de L. & Ruschmann, D.V.M. (2004). [Estudo genealógico das viagens, dos viajantes e dos turistas](#). *Novos Cadernos NAEA*, 7 (1), 155-188.
- Hauser, J. (2005). *Turismo GLBT: um segmento promissor*. Trabalho de Conclusão de Curso, Centro Universitário Feevale, Novo Hamburgo, RS, Brasil.
- Krippendorff, J. (2009). *Sociologia do turismo: para uma nova compreensão do lazer e das viagens*. São Paulo: Aleph.
- Lanzarini, R. (2013). [A viagem liberadora: para além das fronteiras sociais da sexualidade](#). *Rosa dos Ventos*, 5(4), 548-558.
- Leal, R. E. da S. (2013, agosto). A [viagem turística como campo etnográfico: um relato de pesquisa](#). *Anais... IV Reunião Equatorial de Antropologia*, Fortaleza, CE, Brasil, 4.
- Louro, G. L. (2001). Teoria queer: uma política pós-identitária para a educação. *Estudos Feministas*, 9 (2), 541-553.
- Miskolci, R. (2013). [Machos e brothers: uma etnografia sobre o armário em relações homoeróticas masculinas criadas on-line](#). *Estudos Feministas*, 21 (1), 301-324.
- Moesch, M. M. (2002). *A produção do saber turístico*. São Paulo: Contexto.
- Nascimento, A. C. M. (2009). *Turismo GLS: a ABRAT GLS como forma de inclusão social para gays e lésbicas*. Trabalho de Conclusão de Curso, Universidade Estadual Paulista, Rosana, SP, Brasil.
- Oliveira, L. A. (2002). *Turismo para gays e lésbicas: uma viagem reflexiva*. São Paulo: Roca.
- Pimentel, T. V. C. (2001). [Viajar e narrar: toda viagem destina-se a ultrapassar fronteiras](#). *Varia História*, 17 (25), 81-120.



- Rotstein, E. & Bastos, A. (2011). [A concepção freudiana de experiência](#). *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 27(3), 371-380.
- Saggese, G. S. R. (2008, agosto). [Quando o armário é aberto: visibilidade, percepções de risco e construção de identidades no coming out de homens homossexuais](#). *Seminário Fazendo Gênero – corpo, violência e poder*, Florianópolis, SC, Brasil, 8.
- Schirmer, A. (2010). *“Saindo dos armários?”: A análise das políticas de identidade na formação da Parada do Orgulho GLBT de São Paulo: um contraponto pela psicanálise*, Dissertação de Mestrado, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, SP, Brasil.
- Sedgwick, E. K. (2007). [A epistemologia do armário](#). *Cadernos Pagu*, (28), 19-54.
- Silva, A. S. da (2007). [As cores memoriais \(e distorcidas\) da \(in\) diferença: com que cores se colore o passado no tempo presente da homofobia](#). *Bagoas*, 1 (1), 167-192.
- Trevisan, J. S. (2006). Turismo e orientação sexual. In Ministério do Turismo do Brasil. [Turismo social. Diálogos do turismo: uma viagem de inclusão](#) (pp. 139-171). Rio de Janeiro: Instituto Brasileiro de Administração Municipal.
- Trigo, L. G. G. (2008). Ascensão do prazer na sociedade atual: turismo GLS, p. 141-163. In A. Panosso Netto & M.G.R. Ansarah (orgs.). *Segmentação do mercado turístico*. São Paulo: Manole.
- Vieira Júnior, A. (2008). [Do altar para as ruas: luta, resistência e construção identitária de gays, lésbicas, bissexuais e Transgêneros](#). *Bagoas*, 2 (2), 171-190.
- Vieira, P. J. (2011). [Mobilidades, migrações e orientações sexuais: percursos em torno das fronteiras reais e imaginárias](#). *Ex aequo*, (24), 45-59.
- Zanella, A. V. (2005). [Sujeito e alteridade: reflexões a partir da psicologia histórico-cultural](#). *Psicologia & Sociedade*, 17 (2), 99-104.

Recebido: 20 SET 2016

Avaliado: SET-NOV

Publicado: 22 DEZ 2016

